

# humanitas



**Vol. XXVII-XXVIII**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXVII E XXVIII



COIMBRA  
MCMLXXV-MCMLXXVI



ERNST ZELLMER, *Die lateinischen Wörter auf -ura*, Frankfurt am Main, 1976, pp. 294 (Edição do Autor).

É com certa emoção que se segue o paciente trabalho de todo este livro. O Autor fez o seu doutoramento em Iena em 1930, com a tese *As palavras em -ura*, tema este que lhe foi sugerido pelo grande mestre A. Debrunner. Depois dedicou-se ao ensino, tanto no estrangeiro (incluindo Lisboa, Funchal e Madrid) como na Alemanha. Entretanto, continuou sempre a aperfeiçoar o seu tema pelo que, ao publicar, em edição pró-manuscrito, a refundição da sua tese, aos 74 anos de idade, pode dizer-se que este livro é a obra da sua vida. O seu escrúpulo de actualização vai até ao ponto de várias vezes ter ainda acrescentado à mão a bibliografia mais recente, mesmo já saída em 1976. A distribuição é também feita pelo próprio Autor (Am Römerkastell 5 — 6367 Karben 3 — BRD).

Estudando as cerca de 1500 palavras em *-ura* que podem registar-se, E.Z. tem como provável que esta formação só apareceu já na fase literária do latim, construída à imitação dos supinos, dos gerúndios e sobretudo dos participípios futuros activos femininos. Estes vocábulos, saídos principalmente de temas verbais e muitas vezes a partir dos sufixos de acção e agente *-ion-* e *-tor-*, designam principalmente profissões e palavras técnicas da filosofia, do direito, do «cursus honorum», da medicina, da agricultura, da cozinha, etc.

O estudo avança laboriosamente através de todos os autores da idade arcaica; em seguida vem a prosa a partir de Cícero, incluindo as traduções da Bíblia e os autores cristãos até Santo Agostinho; e depois os poetas, desde Lucrécio até Prudêncio e S. Paulino de Nola. O método de investigação adoptado foi o do *Thesaurus Linguae Latinae*. Temos, portanto, às vezes, depois de breve introdução sobre o autor, citação de todos os passos com palavras em *-ura*.

É interessante verificar que vários autores evitam, sistematicamente, as palavras em *-ura*. Por exemplo, Tito Lívio nunca emprega *agri cultura*, *mensura* ou *pictura*, substituindo-as por *cultus agrorum*, *modus* e *tabulae pictae*. O mesmo se passa com Floro. Em Sílio Itálico só aparecem *pictura*, *figura* e *natura*; e em Estácio apenas *natura* e *mensura*.

Na sua análise o Autor regista também algumas técnicas de tradução do grego para latim (p. 14), considerando especialmente este aspecto em Cícero (p. 27) e em Lucrécio (p. 118).

Feita a pesquisa de base, E.Z. dedica metade do seu livro à elaboração de um dicionário com anotações às palavras em *-ura* (pp. 155-292), resumindo quanto apurou na investigação anterior e precisando os vários sentidos exactos de cada vocábulo. Além de numerosas comparações com o grego, anotámos 37 vocábulos, na sua maioria do latim cristão, cujo sentido é comparado com o equivalente hebraico. Este dicionário regista «pela primeira vez, muitas palavras em *-ura*»; examina com profundidade significados até aqui não explorados; e estabelece a comparação com substantivos de tema em *-u-*, de terminação em *-ion-* e outras, observando a sua diferenciação semântica e estilística.

Para se ver o interesse que tem este novo dicionário, basta registar que entre as palavras estudadas se contam, com relevo, *cultura*, *natura* e muitas outras que passaram quase literalmente ao português, como *architectura*, *creatura*, *agri cultura*, *figura*, *litteratura*, *mensura*, *pictura*, *scriptura*, *sculptura*, *tortura*, *usura*, etc.

Imaginamos o esforço intelectual e económico de E.Z. para publicar, no entardecer da vida, esta sua tese. Sinceramente, dizemos que valeu a pena.

JOSÉ GERALDES FREIRE

PALLADII RVITILII TAVRI AEMILIANI, *Opus agriculturae. De Veterenaria Medicina. De Insitione*. Edidit Robert H. Rodgers, Teubner Verlagsgesellschaft, Leipzig, 1975, pp. 336.

São poucos os elementos cronológicos sobre Paládio Emiliano. Deve ter escrito na segunda metade do séc. IV ou princípios do séc. V, talvez na Itália ou na Gália. E o que sabemos da sua obra temos que procurá-lo no próprio texto. Foi um agricultor que se resolveu a estudar e a escrever para utilidade dos outros agricultores. No prefácio do *Opus agriculturae* reprova os autores que ao falarem aos agricultores elevam de tal modo a linguagem que nem os mais cultos conseguem compreendê-los. Ele toma como norma ter em consideração «a pessoa a quem se dirige». Por isso, como lembra no início e no fim do poema *De insitione*, ele usa uma linguagem que tem em conta a pouca instrução dos agricultores, propondo-se mesmo reproduzir os seus «uilia dicta» (v. 7). Estamos, portanto, perante um autor de temas técnicos, cuja linguagem se adapta ao comum dos leitores para quem escreve. Daí poder ser considerado Paládio Emiliano como uma das fontes literárias do «latim vulgar».

É estranho que o editor, R. H. Rodgers, não diga absolutamente nada do autor que estuda e sobre a sua linguagem, apesar de esta ser uma das normas das edições da Teubner. Para elaborar este estudo, R. Rodgers foi bolseiro da Universidade da Califórnia, durante 3 anos, na Europa, onde beneficiou da orientação de Svennung, Winterbottom e do paleógrafo Bischoff. Pôde também consultar as edições mais antigas, a primeira das quais é de 1472 e as melhores entre as modernas, as quais são a de J. C. Schmitt (Leipzig, 1898) e de J. Svennung (Göteborg, 1926). A bibliografia apresentada (pp. XXIII-XXVII) é exhaustiva em edições, livros e artigos de revistas. Apraz-nos registar a menção do estudo do Prof. Moisés Amzalak, *Paládio e a exploração agrícola*, Lisboa, 1953. Interessa também registar que entre as traduções existentes é indicada uma, ainda inédita, em catalão, escrita entre 1380 e 1385. Se juntarmos que um dos manuscritos consultados é da Biblioteca Nacional de Madrid, n.º 1482, séc. XV, copiado em Florença para o rei D. Fernando de Castela, temos tudo quanto sobre Paládio o editor conseguiu recolher da Península Ibérica.

A obra de Paládio Emiliano (insistimos no *cognomen* para o distinguir de Paládio, autor da *História Lausíaca*) divide-se em três partes. A primeira é o *Opus agri culturae*, em 13 «livros» ou capítulos, o primeiros dos quais serve de introdução e os outros doze são dedicados a cada um dos meses do ano, com indicação dos trabalhos agrícolas próprios desse mês. Esta obra é-nos transmitida por mais de cem manuscritos, dos quais Rodgers descreve sumariamente apenas 13 (pp. VII-XV). É estranho que não se apresente um «stemma codicum», tanto mais que para os dois trabalhos seguintes esse «stemma», que é muito mais simples, vem impresso e bem explicado (pp. XIX e XXII). Rodgers presta atenção a uma edição que foi anotada por Ângelo Policiano. Não conseguiu identificar o manuscrito de que Policiano se deve ter servido. Por isso, supõe que se trata de conjecturas de doutos italianos, colocadas em algum códice do séc. XIV ou XV (p. XVI). Porque não pôr a hipótese de algumas dessas conjecturas serem pessoais, do próprio Policiano?

Com o «livro XIV» isto é, o *De Veterinaria Medicina*, apenas existem 3 códices (pp. XVII-XX), sendo um deles o Vaticanus Barberianus lat. 12 (séc. XIII) fortemente selectivo, pois contém apenas o que se refere aos cavalos, às mulas e aos bois e elimina tudo sobre ovelhas, cabras e porcos. A fixação do texto parece se tornaria fácil, se entretanto não viessem complicar o problema as conjecturas dos diversos editores, como se pode ver no aparato crítico (pp. 243-291).

A obra de Paládio Emiliano termina com um poema, *De insitione (Sobre a enxertia)*, que nem é didáctico nem se distingue por elevada inspiração. Paládio, em 170 versos, vai perpassando as diversas árvores que podem ser enxertadas, sendo fácil de seguir a evolução da apresentação do tema através dos subtítulos, com os nomes das árvores, registados no rodapé crítico, em alguns manuscritos (pp. 293-301). Este poema foi-nos transmitido por 8 manuscritos, um dos quais é o de Madrid já mencionado (pp. XX-XXII).

A introdução de Rodgers carece de elementos literários e linguísticos, o que é pena. A este respeito somente podemos dela colher que a edição de Schmitt, embora seja a primeira que verdadeiramente examinou bem os manuscritos, beneficia o latim de Paládio, corrigindo o que ele considerava erros de morfologia ou sintaxe, ao passo que a de Svennung conserva todas as «infimae Latinitatis proprietates». R. Rodgers julgou que Paládio não escreveria tão «mau latim» como Svennung lhe atribuiu, pelo que corrigiu alguns passos, embora, segundo diz, «prudenter» (pp. XVI-XVII).

Impossível se nos torna fazer aqui um exame crítico de toda a edição. Deixamos apenas breves anotações. O texto das três obras de Paládio Emiliano é acompanhado de dois aparatos: — um de lugares paralelos e outro de variantes dos manuscritos ou editores.

Em nosso entender, o consenso dos manuscritos deveria ser mais respeitado, a não ser que graves razões imponham o contrário. Verificamos que esta norma nem sempre foi respeitada pelo editor. Por exemplo, em 1, 2 linhas 13-14, têm os manuscritos, excepto G: *ex his tria naturalia, unum facultatis et voluntatis est*. Não vemos qualquer razão para eliminar o verbo, factio, aliás, de que nenhum dos outros editores se lembrou. Do mesmo modo, em 1, 4, linha 16, a eliminação de *sunt* não se justifica, nem mesmo *rhythmi causa*, como sugeriu o Prof. R. A. B. Mynors, a quem se deve o mérito de ter dirigido para Paládio a investigação de Rodgers. Pelo contrário, em 1, 5, linha 13-14: *glebam <in> fetili uaso dulci aqua madefactam iudicio saporis explore*, o acrescento de Winterbottom, embora apoiado por um

lugar paralelo de Columela, não passa de uma conjectura, pelo que *in* deveria antes ser registado apenas no aparato crítico. Há casos em que a opção é mais difícil. É o que acontece em 1, 6, 7, linha 20-21: *Qui terram sterilem uineis occupat et laboribus suis et sumptibus est iniquus*. Só os códices QS têm, de certeza, *iniquus*; a lição *inimicus*, que é a de GK, parece-nos a melhor. Esta mesma leitura pode apoiar-se, com abreviatura ou sem ela, em DM. Ora o qualificativo *inimicus* faz parte dos modos de dizer de Paládio, como se vê noutros passos, inclusive poucas linhas antes (linha 5-6). Por isso julgamos que *iniquus* só tem a seu favor o ser uma *lectio difficilior*, registada em dois bons códices, os quais, ao longo do aparato crítico se vê que também contêm muitos erros.

Esta última frase, além de revelar conhecimentos sobre o cultivo da vinha, apresenta-se sob forma sentenciosa. De facto, Paládio possui o estilo imperativo de quem tem ideias feitas sobre coisas e pessoas. Repare-se nestes autênticos apotegmas do cap. VI: *Praesentia domini proeuctus est agri* (1, linha 18); *de locis deterrimis sicut arbores ita homines conuenit ad meliora transferre* (4, lin. 19-20); *necessitas feriis caret* (7, lin. 25), ditado que o povo rural da aldeia onde nascemos também usa sob a forma: *a necessidade obriga...* (a não ter descanso); *domino uel colono confinia possidenti qui fundum uel agrum suum locat damnis suis ac litibus studet* (6, lin. 14-15); *agri praesulem non ex dilectis tenere seruulis ponas, quia fiducia praeteriti amoris ad inpunitatem culpae praesentis expectat* (18, lin. 23-25). Estas duas últimas sentenças deixam entrever em Paládio um carácter desconfiado em relação aos outros.

O volume é enriquecido com um *index nominum, rerum, uerborum*, precedido de uma bibliografia sobre léxico agrícola.

O nosso exame leva-nos a concluir que esta passa a ser a melhor edição de Paládio Emiliano.

Estava já em provas esta recensão quando tivemos conhecimento de que R. H. Rodgers publicou «uma introdução a Paládio», em Londres, da qual não nos foi enviado nenhum exemplar para apreciação.

JOSÉ GERALDES FREIRE

PAVEL BENEŠ, *Phrases à agents indéterminés dans le Nouveau Testament, Opera Vniuersitatis Purkynianae Brunensis. Facultas Philosophica*, 165, Brno, 1971, pp. 120.

O título deste livro poderia dar a entender que se trata de um estudo sobre grego bíblico, língua original de todo o Novo Testamento (excepto o Evangelho de S. Mateus, traduzido do aramaico para grego logo pela primeira geração cristã). Na realidade, o conteúdo é muito mais vasto, pois se trata de um tema de linguística geral — o estudo do sujeito indeterminado — tomando como base o texto do Novo